

---

## **“O infernal tak tak com que nos aturdem os ouvidos”: os constrangimentos à recepção das obras sinfónicas dos “grandes mestres” nas filarmónicas de Lisboa**

Rui Magno Pinto  
CESEM / NOVA FCSH

Os críticos de *O Espectador: Jornal de Teatros e filarmónicas* procuraram, continuamente, por meio de encómios e reparos, definir quais os âmbitos da programação das emergentes academias diletantísticas da capital: enquanto para as Academia Filarmónica e Assembleia Filarmónica de Lisboa ou para as demais sociedades de amadores incitavam a realização de concertos para a fruição dos mais agradados e de outros desconhecidos trechos do repertório lírico ou admitiam, em seu lugar, a regular realização de saraus, para que as notáveis *dilettanti* pudessem “brilhar (...) nos cultos de Euterpe e Terpsicore”, insistiam que à Academia Melpomenense competia a execução das “produções clássicas” sinfónicas e sacro-sinfónicas que tanto agradavam nos demais centros europeus e ainda a estreia ou reposição de obras de música instrumental, de música sacra ou de excertos de ópera e peças concertantes de compositores portugueses. Procurando elevar a academia constituída pelos professores de música ao estatuto de primordial sociedade concertística do país, e de, por essa via, obter da Casa Real o tão necessário patrocínio régio, os directores da Academia Melpomenense encetaram tal desiderato, tendo apresentado vários trechos sinfónicos de Beethoven, Haydn, Mozart, Weber, Mendelssohn e Berlioz, entre outras obras instrumentais de menor exigência e de menor valor artístico.

Outros autores, tais como o redactor de *O Espelho do Palco*, o articulista da *Revista dos Espectáculos* e o director-redactor de *O Trovador*, oferecem-nos outros loquazes apontamentos, redigidos sobre a habitual actividade e funcionamento da orquestra do Teatro de São Carlos que nos permitem inferir quais as rotinas das demais orquestras da capital e daquelas das filarmónicas, e, mormente, aferir as características de tais interpretações das obras dos “grandes mestres”. A presente comunicação discutirá a programação das orquestras das filarmónicas lisboenses, tomando especial enfoque na actividade da Academia Melpomenense (e sucedâneas Academia Real dos Professores de Música e Academia Real dos Professores e Amadores de Música), visando, por meio do confronto de apreciações de *connoisseurs* e críticos e da análise de obras de música instrumental de compositores portugueses, discutir os contextos e constrangimentos que presidiram à inicial recepção da produção sinfónica dos mestres da segunda escola de Viena e dos compositores primo-oitocentistas alemães e franceses.

**Palavras chave:** sinfonia, segunda escola de Viena, orquestra, direcção de orquestra, filarmónicas

Rui Magno Pinto é doutorando em Ciências Musicais Históricas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e colaborador interno do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM – FCSH – UNL). A sua dissertação de doutoramento, orientada pelo Professor Doutor Paulo Ferreira de Castro, discute a “emergência de uma cultura sinfónica em Lisboa entre 1860 e 1911.” Concluiu em 2010 na mesma instituição de ensino o mestrado em Musicologia Histórica, com a dissertação “Virtuosismo para instrumentário de sopro em Lisboa (1821-1870)”, e em 2007 a licenciatura em Ciências Musicais. Foi bolseiro dos seguintes projectos de investigação, financiados pela FCT e orientados pelo CESEM: “Património Musical – Fundação Jorge Álvares” (Julho a Dezembro de 2011) e “O Teatro de São Carlos: as artes performativas em Portugal (Outubro de 2007 a Setembro de 2010).